

A estética da escrita em Nietzsche e Clarice Lispector

Quésia Oliveira Olanda¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo aproximar a estética da escrita de Nietzsche e Clarice Lispector. Essa questão é importante para ambos, pois não se trata apenas de escrever, mas de como se escreve. Faz-se necessário um estilo, bem mais do que um método. Faremos ponte entre Filosofia e Literatura. Ponte que não separa, mas que atravessa. Usaremos como aporte teórico *Ecce Homo* que, além de ser autobiográfico, fala sobre uma arte do estilo, compreendida como um trabalho estilístico da linguagem, a fim de que, através dela, os afetos sejam comunicados, bem como *Assim Falava Zaratustra*. Nosso filósofo elabora críticas a um modelo racionalista de linguagem, pois este inferioriza o teor artístico, ao passo que, coloca a lógica e a dialética em um lugar de superioridade. “O modo Clarice” de escrever também denuncia essa tradição, como em *A Paixão Segundo GH*. Ambos conduzem as palavras como numa dança, ora aforismática, ora dissertativa, ora poética. São escritas como de um *flâneur* – termo que Benjamin retirou da poesia de Baudelaire –, pois Nietzsche valoriza os “pensamentos caminantes”. Contrariando a escrita sistemática, defenderemos uma arte do estilo que é plural e livre das amarras do conceito.

PALAVRAS-CHAVE: Estética. Escrita. Estilos.

INTRODUÇÃO

Quando eu escrevo, misturo uma tinta ou outra, e nasce uma nova cor.
Clarice Lispector

O presente artigo tem como objetivo aproximar a estética da escrita em Nietzsche e Clarice Lispector. Podemos encontrar esse assunto em ambos dos pensadores, dado o fato de que em muitos momentos de suas obras é possível encontrar reflexões sobre o próprio ato de escrever, e a valorização dada por eles a escrita. Partiremos da hipótese de que não se trata apenas de escrever, mas de como se escreve, sendo necessário um estilo, bem mais do que fórmulas ou método. Este trabalho, portanto, faz ponte entre Filosofia e Literatura, é como uma fronteira, não aquela que separa, mas que atravessa, buscando confluências. É como a travessia de Riobaldo no *Grande Sertão*, afinal, “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Rosa, p.52).

Se estamos escrevendo sobre a escrita vale mencionar um outro pensador que, além de Clarice Lispector e Nietzsche, se dedicou também a pensar sobre essas questões, a saber, Walter Benjamin. Este filósofo cita que “texto para os romanos é aquilo que se tece”. O texto,

¹ Mestranda em Filosofia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista Nota 10 FAPERJ, olanda-quesi@gmail.com.

portanto, tem uma certa relação com a palavra tecido, ambas, inclusive, possuem significados semelhantes, quais sejam, “tecer” e “entrelaçar fios”. Neste caso, texto é tecido como bordado. Seguiremos esse fio, juntando sobras de tecidos, de modo que se seja costurado até sua formação. Esse gesto se assemelha com o mosaico benjaminiano, em que um texto se constrói a partir de outros, sejam eles fragmentos ou citações. Benjamin intitula esse movimento de “técnica de montagem”.

1 EXPERIMENTAÇÃO DA ESCRITA

Nietzsche e Clarice são escritores que tecem de formas diferentes. São pensadores que, assim como Platão, Santo Agostinho e Jean-Jacques Rousseau se distanciam do gesto de encarar a linguagem como mero instrumento de comunicação ou transmissão, mas como experimentação. Lispector e o filósofo do martelo não se limitam a um modelo, a um padrão de escritura. Deste modo, podemos dizer que são escritas da diferença, ao mesmo tempo expressam “modos de pensar”, sobretudo, no que tange a filosofia nietzschiana, cujo teor se mostra perspectivístico, construída a partir de muitas interpretações. Um exercício, portanto, que se encontra sempre no mar das muitas possibilidades, e no caso das escritas, estão no campo da disseminação, são feita em dobras – para falar nos termos de Jacques Derrida. De forma parecida, Olga Borelli, amiga e biógrafa de Lispector comenta que, para Clarice, “escrever era experimentar” (Borelli, 1981, p. 67) Ademais, Lispector disserta sobre isso em uma *Conferência sobre o Vanguardismo* que, inclusive, foi objeto de estudo tanto nas universidades nacionais quanto nas internacionais. Em suas palavras: “Vanguarda seria ‘experimentação’. Mas toda verdadeira arte é também experimentação [...] Descobrir é inventar, ver é inventar [...]” (Lispector, 2005, p. 99).

A multiplicidade de estilos na escrita desses pensadores é muito marcante, suas muitas formas de elaboração. Nietzsche conduz as palavras como numa dança, ora aforismática, ora dissertativa, ora poética, ora metafórica. Jacques Derrida escreve em *Esporas* que, “Nietzsche teria praticado todos os gêneros”. Além disso, o pensador franco-magrebino expressa seu gosto por “uma certa prática da ficção, a intrusão de um simulacro efetivo ou de desordem na escrita filosófica” (Derrida, 1991, p. 177) que permeia os escritos nietzschianos. Clarice Lispector conduz as palavras de forma semelhante, uma escritora que se recusava se curvar as normas gramaticais, seguindo o que ela chamava de sua própria “respiração”. É importante ressaltar que as formas são tantas que a escrita não se limita às letras, sendo expostas por meio de colagens ou pinturas, como o faz Lispector em seus quadros.²

2 As pinturas de Clarice Lispector estiverem em exposição no Instituto Moreira Salles (IMS) do Rio de Janeiro no ano de 2022. O acervo encontra-se atualmente guardado e preservado na Casa Rui Barbosa, também no Rio de Janeiro. Clarice tinha uma grande estima pelas artes de um modo geral, mas a pintura possuía um lugar privilegiado, pois era seu jeito de escrever sem palavras – gesto que a mesma desejava em demasia. Para ela, a palavra atrapalhava. Em *Outros Escritos* (2005), a autora relata que o ato de pintar é a coisa mais pura que ela poderia fazer, algo que dá muito gosto e prazer de se conceber. As artes visuais são tão importantes para Lispector que ela criou para sua *Água Viva* (1973) uma personagem pintora e para *A Paixão Segundo GH* (1964) uma escultora.

A título de exemplo, em *A Paixão Segundo GH*, Clarice Lispector começa seu primeiro romance publicado em primeira pessoa com travessão, repetindo as últimas sentenças do final de um capítulo no início do seguinte, subvertendo a lógica do discurso. Benedito Nunes comenta a respeito desse modo desregrado de Lispector, sobretudo, no que se refere a essas repetições, o penador afirma que elas fazem parte “das matrizes poéticas do estilo de Clarice” (Nunes, 1995, p. 134).

Esse gesto reaparece em uma outra obra, intitulada como *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, no qual Clarice Lispector começa com uma vírgula e termina com dois pontos, expondo sua falta de interesse com as regras da pontuação. Além disso, a autora escreve uma frase interessante: “A vida se me é”. Com essa fala, Lispector elabora uma espécie de fusão de pronomes. Esse gesto demonstra a fluidez e a liberdade que veste seus textos. A cronista parece não querer controlar o texto, nem encerrá-lo, proporcionando uma certa continuidade ao leitor, deixando os caminhos da reflexão abertos.

Podemos notar também em *Água Viva* – inicialmente intitulada como *Objeto Gritante*. Uma obra em que as palavras são celebradas, pois, Lispector diz ser essa “a festa das palavras”. Encontra-se no livro muitos gêneros, sendo escrito de maneira fragmentada, por meio de anotações, textos já publicados e outros mais recentes, cujas diferenças, comenta Sônia Roncador em um ensaio na edição especial, Clarice não parece interessada em homogeneizar. Resumidamente, a história é sobre uma pintora que deseja pintar um espelho, mas reconhece a impossibilidade de assim o fazê-lo e passa a escrever. O manuscrito pode ser considerado como um “livro-colagem”, semelhante a montagem de Walter Benjamin citada, aproximando-se também do estilo aforismático de Nietzsche, pois Clarice Lispector não se prende a uma forma, trazendo para o jogo diversos fragmentos até a formação do texto. Vale dizer que, embora Lispector tenha mudado o título, chamando-o de *Água Viva* e, por conseguinte, seu estilo “antiliterário” tenha sido reduzido, não podemos negar a liberdade que permeia o texto.

Com relação a escrita de Nietzsche, sabe-se que uma de suas maiores marcas é o estilo aforismático. Sobre isso, saliente Rosa Dias em *Nietzsche, vida como obra de arte* que, “o aforismo é uma forma que Nietzsche encontrou para expressar seus pensamentos que não foram produzidos no conforto de um gabinete, mas ao longo das grandes caminhadas” (Dias, 2011, p. 28). Pensamentos que, da mesma maneira que Zaratustra, aprendeu a andar e desde então se permite correr. O filósofo alemão realmente não foi andarilho somente em seus escritos, sua errância se mostra em sua vida. Conta-se que como um *flâneur*, o pensador caminhava horas por dia e, durante essas caminhadas, nasciam pensamentos brilhantes, suas melhores noções surgiram em movimento. Para Nietzsche, “só os pensamentos que nos vêm quando

andamos têm valor” (CI, Ditos e cetas, § 34), criticando o sedentarismo e os intelectuais que ficam trancados em um escritório sem ter contato com a vida efetiva.³

Seguindo esse fio, Nietzsche demonstra estima por uma escrita feita com o corpo todo, escrita como sangue, como expresso em *Assim Falava Zaratustra*. Em um poema de sua *Gaia Ciência*, o pensador também trata sobre isso. Deixemos, então, sua escrita ecoar: “Eu só escrevo com a mão, mas o pé quer sem cessar escrever também. Sólido, livre e corajoso quer fazer isso. Ora através dos campos, ora sobre o papel” (GC, § 52). Caminhando pela mesma via, Clarice Lispector esboça sobre uma escrita que fere a matéria, sobretudo, em sua *Água Viva*. Isso é muito interessante e pode nos servir como crítica e reflexão acerca do modo como fazemos pesquisa filosófica, assim como ministramos nossas aulas, se concentrando no ambiente acadêmico, sem dialogar com a sociedade ao redor, sem aproximar os estudos da vida. Nesse sentido, podemos citar o cuidado de si⁴ que mais tarde Michel Foucault desenvolveu, ligando-o à concepção caminhante da filosofia nietzschiana, na medida em que o pensador alemão sempre se preocupou com o cuidado com o corpo.

2 ESTÉTICA DA ESCRITA E A QUESTÃO DO ESTILO

Nietzsche e Clarice Lispector são escritores que se interessam pela estética da escrita, pela forma na qual as palavras devem ser tecidas, como vimos. Esse assunto, assim como a questão do estilo não é está presente apenas na fase tardia nietzschiana, perpassando, assim, toda a sua jornada filosófica, desde a sua juventude. Podemos notar, por exemplo, nos *Cursos sobre Retórica e História da Eloquência Grega*. Rosana Suarez ressalta que, com essas aulas, o filósofo expressa seu interesse e cultivo pela questão da linguagem. Além disso, a questão aparece em outros textos escritos na mesma época que dialogam entre si, tais como, o ensaio *Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral*, *O Nascimento da Tragédia* e as *Conferências de 1972* proferidas na Universidade de Basileia, quando ainda era professor, intituladas *Sobre o Futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. Nessas conferências, em especial, o jovem educador trata – em dado momento – sobre a relevância da língua materna no aprendizado. Ademais, esse tema retorna na maturidade, em seu *Ecce Homo*, na seção intitulada *Porque escrevo tão bons livros*. Deixemos, então, o filósofo falar:

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre minha arte do estilo.

3 No ensaio cinematográfico “Dias de Nietzsche em Turim” (2003) de Júlio Bressane e Rosa Dias podemos perceber com mais clareza como eram esses “pensamentos caminhantes” nietzschianos. O longa brasileiro mostra o filósofo caminhando com um caderno na mão, escrevendo em movimento. É interessante assistir, torna essa noção mais palpável e corporal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz5OyIsBq14>

4 Esse assunto aparece nos textos tardios de Michel Foucault, tais como, na *Hermenêutica do Sujeito*, na *História da Sexualidade 3* e também nos *Ditos e Escritos*, intitulado como *A escrita de si*. Segundo o filósofo francês, essas questões estão interligadas aos seus estudos sobre as “artes de si mesmo”, isto é, sobre a estética da existência e o governo de si e dos outros na cultura greco-romana. Dentre vários exemplos de práticas e cuidado de si mencionados pelo pensador, a escrita é colocada em um lugar considerável, como uma forma de cuidado e tecnologia de si. A escrita, portanto, possui um poder “subjativador”, exercendo um papel na construção da subjetividade, ao passo que serve para os outros, quando se trata das anotações (*hypomnemata*) e das correspondências.

Comunicar um estado, uma tensão interna de pathos por meio de signos, incluído o tempo desses signos – eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo – a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. Bom é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no tempo dos signos, nos gestos – todas as leis do período são arte dos gestos. (EH, Por que escrevo tão bons livros, § 4.)

Nietzsche, portanto, defende uma arte do estilo, interpretada por ele como um trabalho estilístico da linguagem, a fim de que, através dela, os afetos sejam comunicados. Há também uma certa temporalidade e musicalidade. Ao mencionar esses “estados inteiros”, o filósofo alemão está expressando a multidão que o habita. É um estado de mudança, que produz “vários textos simultaneamente”, um “várias línguas”, um constante devir, pois, como escreve Jacques Derrida em *Os fins do homem*, demarcando uma mudança de terreno necessária “aos caminhos da filosofia”, apresentando o filósofo do martelo como um tecelão, que tece de muitas maneiras, nas palavras do pensador franco-megrebino: “Porque é de uma mudança de “estilo”, dizia-o Nietzsche, que nós talvez necessitemos; e se há estilo, Nietzsche no-lo recordou, ele só pode ser plural” (Derrida, 1991, p. 177). Nota-se que, se os estilos são plurais, é porque demonstram múltiplas perspectivas, expressam diversas condições de vida. Logo, não seria coerente com a filosofia nietzschiana afastar suas noções das diferentes formas de apresentá-las. A escrita é uma questão salutar para Nietzsche, como dissemos. Para ele, se trata primeiro de escrever e depois filosofar. É de suma importância pensar a questão do estilo, a maneira pela qual determinado assunto será passado e nota-se que seus escritos transmitem essa preocupação.

Um outro texto em que Nietzsche explora a questão do estilo é *Assim Falava Zaratustra*. Uma obra repleta de metáforas e alegorias, sendo vestida por imagens poéticas. O livro é tecido em parábolas, demonstrando o lado estilístico de Nietzsche. Zaratustra é um texto que foge das normas da escrita filosófica em geral, há muita autenticidade e originalidade. O personagem não impõe nada, deseja apenas passar seus ensinamentos e vivências. O título não se resume numa simples fala ou mera comunicação, pois o protagonista também canta, fazendo uma espécie de performance. Além disso, ele discursa ora com os animais, ora com interlocutores, ora com a vida, ora em monólogo, mas fala sempre com o coração.

Em *Esporas, Os estilos de Nietzsche*⁵, Jacques Derrida trata “a oscilação como estilos”. Derrida segue o fio dado pelo pensador alemão, e a partir dos estilos nietzschianos borda sua escrita. O filósofo argelino tece um livro curto e, ao mesmo tempo, denso, colocando movimento nas palavras, dando espaçamentos longos entre um parágrafo e outro. Derrida comenta vários aforismos de Nietzsche, sobretudo, o 381 da *Gaia Ciência*, no qual é aludido a força do estilo aforismático e sua objetividade, que se mostra avesso a um texto repleto de

5 Esporas, os estilos de Nietzsche é fruto de uma conferência proferida por Jacques Derrida em 1972 sobre “a questão da mulher”, que se desdobra na questão do estilo em Nietzsche.

hermetismos. Sobre a escrita aforismática, comenta em um tom cômico o filósofo do martelo: “De fato, eu ajo com os problemas profundos como se fossem um banho frio – entrar nele rápido e sair depressa [...] (GC, § 381). Nietzsche continua seu comentário sobre uma certa economia da escrita intrínseca ao seu estilo aforismático, ele alega o seguinte: “Minha brevidade tem outra razão ainda: entre as questões que me preocupam, há muitas que devo explicar em poucas palavras para que me compreendam ainda mais rapidamente.” (GC, 381)

Retomando ao Jacques Derrida desenvolveu em *Esporas*, o filósofo franco-magrebino se debruça também em dissertar sobre “a questão da mulher” e discute a “oscilação entre masculino e feminino representados na figura da mulher, sendo pensado como “o não-lugar do estilo nietzschiano que sempre seduziu Derrida, entre o filosófico e o literário”, salienta Rafael Haddock-Lobo. Clarice Lispector parece seguir a mesma linha, pois a autora não se considerava intelectual, muito menos literária. Ela disserta melhor sobre na conferência *Literatura de vanguarda no Brasil*, ao afirmar que “literatura para mim é o modo como os outros chamam o que nós, escritores, fazemos” (Lispector, 2005 p. 96).

3 SOBRE A ESCRITA AFORISMÁTICA

No que concerne a escrita aforismática de Nietzsche, é de suma importância salientar que por mais que ela seja fragmentária, mais curta, que seja um estilo fácil de interpretação, bem como a de Lispector. Para que se possa ler bem os aforismos, faz-se necessário adquirir a “arte da interpretação”, como nos alerta o filósofo do martelo. É um tipo de leitura feita com muita responsabilidade, minuciosa, devagar, feita em pausas, ruminando, assim como profere Nietzsche sua *Genealogia da Moral*, indicando a maneira como gostaria de ser lido. Há, portanto, um trabalho a ser elaborado. Mas, ao mesmo tempo, a escrita aforismática é mais livre, marcante e potente, a ponto de fazer com que o leitor imprima “suas conclusões, seu próprio modo de enxergar as coisas e a maneira como percebe o mundo”, como comenta Rosa Dias (Dias, 2011, p. 23).

Um outro aspecto fundamental a ser dito é que a questão do estilo não teve início propriamente em nosso filósofo, essa questão permeava a Grécia antiga, sobretudo, os pré-socráticos, sendo Heráclito um dos mais apreciados por Nietzsche que, por sua vez, influenciado, encontra outras formas de pensar a linguagem, subvertendo a tradicional. Do pré-socrático mencionado, o autor de *Assim Falava Zaratustra* herdou a preferência pelo estilo aforismático, além de outros pré-platônicos – como os denomina Nietzsche.

Se Nietzsche privilegia a liberdade que os aforismos proporcionam, existe um estilo de escrita que ele critica, qual seja, a escrita sistemática. Os ataques nietzschianos se voltam, sobretudo, a filosofia aristotélica que, segundo ele, se apresenta como um modelo de linguagem cujo teor é racionalista. Além disso, é um sistema de pensamento que coloca a metáfora em segundo plano, priorizando os conceitos. O filósofo alemão, por outro lado, valoriza a metáfora, principalmente em seu ensaio *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, no qual citamos anteriormente. Sarah Kofman em *Nietzsche et la métaphore* compreende a

metaforização nietzschiana como um gesto mais original do que o conceituar. Sendo assim, o sentido se mostra como algo que se acrescenta ficcionalmente, como um “suplemento” e não se compromete em alcançar uma verdade. Nietzsche alega ainda a escrita sistemática inferioriza a poesia e o teor artístico como um todo, ao passo que, coloca a lógica e a dialética em um lugar de superioridade. Diferentemente dessa escrita sistemática, o estilo aforismático é concebido em leveza, afirmação e liberdade, sendo considerado uma “escritura da vontade de potência”, totalmente diferente da tradição e do estilo tecido por determinados eruditos, “que desconheciam o sabor das palavras”, como assegura Rosa Dias (Dias, 2022, p. 29).

CONCLUSÃO

Ao longo do presente artigo percebemos como é crucial a estética da escrita em Nietzsche e em Clarice Lispector. Não basta simplesmente escrever, faz-se necessário se ater a forma como o assunto será tecido. Ambos os pensadores experimentam muitos estilos e esse gesto os aproximam, assim como o olhar crítico perante um tipo de escrita que preponderou, qual seja, a escrita sistemática.

Desde sua primeira fase intelectual, o filósofo do martelo problematizou a erudição exacerbada que proliferou em seu tempo, aos chamados “filisteus da cultura”, desconfiando sempre do estilo de escrita demasiada robusta, a ponto de se tornar inacessível, cheia de conceitos que não tocam a vida. Esse assunto aparece nas Considerações Extemporâneas, principalmente, em *Schopenhauer como educador* – obra em que o filósofo alemão enxerga Schopenhauer como um mestre educador e elogia o modo schopenhaueriano de escrever, reafirmando ainda, suas críticas ao tipo erudito.

Em sua terceira fase intelectual, sobretudo, em seu *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche chama os filósofos de “idólatras de conceitos”, manejadores de “conceitos múmias” (CI, O que falta aos alemães, § 7), esboçando uma bela metáfora que anda na contramão do que é de costume entre o tipo mencionado. O autor de *O Nascimento da Tragédia* nos estimula a aprender a dançar com a pena, a dançar com os conceitos e conduzi-los ao desvio, à instabilidade, de modo que seja colocado na escrita corporeidade, movimento, afetos e vida.

REFERÊNCIAS

- BRESSANE, Júlio. *Dias de Nietzsche em Turim*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz5OylsBq14>. Acesso em: 27.set., 2023.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. São Paulo: Papyrus, 1991.
- DERRIDA, Jacques. *Esporas: os estilos de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013.
- DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

- HADDOCK-LOBO, Rafael. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2011.
- KOFMAN, S. *Nietzsche et la métaphore*. Paris: Galilée, 1983.
- LISPECTOR, Clarice. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Edição Especial. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *L'écriture de soi*. Paris: Éditions Gallimard, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3, o cuidado de si*. São Paulo: Paz & Terra, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e mentira no sentido extramoral*. São Paulo: Hedra, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como educador*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem, uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1973.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Companhia das Letras: São Paulo, 2019.